

O Progresso Catholico

REVISTA RELIGIOSA, SCIENTIFICA, LITTERARIA, ARTISTICA E NOTICIOSA

GUIMARÃES, 30 DE MARÇO

SUMMARIO

SECÇÃO RELIGIOSA: *Encyclica de S. S. o Papa Leão XIII. acerca do Matrimonio* (continuação). SECÇÃO SCIENTIFICA: *Um capitulo d'Historia patria contemporanea. Frei Agostinho da Annunciação*, pelo P.º João Vieira Neves Castro da Cruz; *O artigo 7.º á face da razão e do bom senso, ou as contradicções de Jules Ferry*, pelo P.º Felix. (continuação). — SECÇÃO CRITICA: *Antonio Candido na camara*, por um anonymo — SECÇÃO LITTERARIA: *A engeitada*, (poesia) por Manuel Maria Fructuoso; *Coisas*, por um vimaranense; *Uma confissão de Castellar sobre S. Bento*; *A Cigana*, por D. Maria del Pilar Sinues. versão de J. de Freitas. (continuação) — SECÇÃO BIBLIOGRAPHICA: *A Historia Popular dos Papas*, pelo P.º Pontes. — RETROSPECTO DA QUINZENA: por J. de Freitas.

SECÇÃO RELIGIOSA

ENCYCLICA

DO

NOSSO SANTISSIMO PADRE

LEÃO XIII

PELA DIVINA PROVIDENCIA PAPA

AOS PATRIARCHAS, PRIMAZES,
ARCEBISPOS E BISPOS DE TODO O ORBE
CATHOLICO EM GRAÇA
E COMMUNHÃO COM A SANTA SÉ
APOSTOLICA

(Continuado do n.º 10)

Mas, por effeito dos esforços dos inimigos do genero humano, ha ho-

mens que, repudiando com ingratição todos os outros beneficios da redempção, tom a ousadia de tambem desprezar ou desconhecer completamente a restauração operada e a perfeição introduzida no matrimonio. Foi uma falta d'alguns antigos combater o matrimonio em alguns pontos d'esta inatituição; mas é um crime bem mais pernicioso querer, como se está fazendo nos nossos dias, perverter absolutamente a propria natureza do matrimonio, que é completa e perfeita sob todos os aspectos e em todas as suas partes. E a causa principal de este facto está em que muitos espiritos, imbuídos das opinões d'uma falsa philosophia e corrompidos por habitos viciosos, nada soffrem de mais mau grado que a submissão e a obediencia; trabalham com todas as forças por conduzir, não só o individuo, como tambem a familia e a sociedade humana toda, a affrontar orgulhosamente o imperio de Deus.

Ora, como o principio e a origem da familia e de toda a sociedade humana estão no matrimonio, esses homens não podem soffrer que elle esteja submettido á jurisdicção da Igreja, levam mais longe ainda a sua má vontade, porque se esforçam por despil-o de todo o caracter de santidade e por fazel-o entrar na pequena esphera das instituições humanas, que são regidas e administradas pelo direito civil dos povos: d'onde necessariamente devia resultar que attribuissem aos chefes de Estado direitos sobre o matrimonio, negando-se reconhecer á Igreja direito algum, o pretendendo que, se alguma vez a Igreja exerceu algum poder d'esta natureza, era isso uma indulgente concessão dos principes ou uma usurpação. Mas chegou o tempo, dizem elles, de que aquelles que estão á frente do Estado recuperem energicamente a posse dos seus direitos e emprehendam regular, por seu proprio alvedrio, tudo que repeita ao matrimonio. D'ahi a origem d'isso a que chamam vulgarmente *casamentos civis*; d'ahi essas leis promulgadas sobre as causas que constituem impedimento aos casamentos; d'ahi essas sentenças judicias sobre os contractos conjugaes com o fim de decidirem se

são ou não validos; finalmente, vemos que n'esta materia todo o poder de regular e julgar tem sido tão subtil e arteiramente arrancado á Igreja, que não se tom em conta alguma a sua auctoridade divina nem as leis tão sabias, sob cujo imperio viveram durante tanto tempo os povos que receberam com o christianismo a luz da civilização.

Com tudo, os philosophos naturalistas e todos aquelles que professam um culto absoluto pelo *Deus Estado*, e que, imbuídos d'estas perniciosas doutrinas, envidam todos os esforços por semeal as em todos os paizes, não podem fugir á nota de falsidade. Com effeito, visto que o proprio Deus instituiu o matrimonio, e visto que este foi desde o principio como que uma imagem da Incarnação do Verbo divino, segue-se d'aqui que ha no matrimonio alguma cousa de sagrado e de religioso, que nada tem de adventicia, mas é innata; que não lhe procede dos homens, mas da sua propria natureza. Por isso Innocencio III (31) e Honorio III (32), Nossos Predecessores, puderam affirmar sem temeridade e com razão *que o sacramento do matrimonio existe entre os fieis e entre os infieis*. Tomamos para testemunhos os monumentos da antiguidade, os usos e as instituições dos povos que mais se aproximaram da civilização e que mais celebres se tornaram pelos seus conhecimentos mais perfeitos do direito e da equidade: no espirito de todos esses povos, em consequencia d'uma disposição habitual e anterior, todas as vezes que pensavam no casamento sempre se lhes presentava a ideia do mesmo sob a forma d'uma instituição ligada com a Religião e com as cousas santas. Por isso, entre elles, os casamentos não se celebravam nunca sem ceremonias religiosas nem desacompanhados da auctoridade dos Pontifices e do ministerio dos Sacerdotes.—Tanta força tinha sobre os espiritos, ainda mesmo desprovidos das doutrinas celestes, a natureza das cousas, a lembrança das origens, a consciencia do

(31) Cap. 8 de divorc.

(32) Cap. 11 de transact.

genero humano!—Sendo por tanto o matrimonio sagrado por sua essencia, por sua natureza, por si mesmo, é racional que seja regulado e dirigido, não pelo poder dos principes, dos soberanos, mas pela auctoridade divina da Igreja, porque só ella tem o magisterio das cousas sagradas.

Demais, cumpre considerar a dignidade do sacramento, que tendo vindo reunir-se aos casamentos dos christãos os tornou o mais nobres que é possível. Mas, segundo a vontade de Jesus Christo, Senhor Nosso, é só a Igreja que pôde e deve decidir e ordenar tudo quanto respeita aos sacramentos, de tal sorte que é absurdo pretender usurpar-lhe uma parcella, minima que seja, d'esse poder com o fim de o transferir para o poder civil.—Emfim, o testemunho da historia é aqui d'um grande peso e d'uma grande força, por que nos demonstra, da maneira mais evidente, que esse poder legislativo e judicial de que fallamos foi livre e constantemente exercido pela Igreja até n'aquelles tempos em que seria ridiculo e absurdo suppor que os soberanos lhe tivessem, n'este ponto, concedido o seu assentimento ou a sua participação. Com effeito, quam incrível e insensata supposição não é imaginar que Jesus Christo, Senhor Nosso, tivesse recebido do procurador de provincia ou do governador dos judeus uma delegação de poder condemnar o uso inveterado da polygamia e do repudio; ou que S. Paulo, proclamando que não eram licitos os divorcios e os casamentos incestuosos, tivesse obrado por concessão ou delegação tacita de Tiberio, Caligula e Nero! Nenhum homem d'espírito são poderia jámais persuadir-se de que tantas leis da Igreja sobre a santidade e estabilidade do vinculo conjugal, (33) sobre os casamentos entre escravos e pessoas livres (34) tenham sido promulgadas com assentimento dos imperadores romanos inimicissimos do nome christão, homens que nada tomaram tanto a peito como abafar, pelas violencias e pelos supplicios, a Religião nascente de Jesus Christo; sobre tudo, se considerarmos que aquelle direito exercido pela Igreja estava muitas vezes de tal sorte em desacordo com o direito civil, que Santo Ignácio Martyr (35), S. Justino (36), Athenagoras (37) e Tertuliano (38) denunciavam publicamente como illicitos

e adulteros os casamentos d'alguns, que eram todavia favorecidos pelas leis imperiaes.

Depois que o poder supremo cahira nas mãos dos imperadores christãos, os Pontifices e os Bispos, reunidos nos Concilios, proseguiram com a mesma liberdade e com a mesma consciencia dos seus direitos a prescrever e a prohibir com relação ao matrimonio, aquillo que julgavam util e opportuno, qualquer que fosse o desacordo existente entre os seus decretos e as leis civis.

Ninguem ignora quão grande numero de decisões, que muitas vezes se afastavam immenso das leis imperiaes, foram tomadas pelos Pastores da Igreja com relação a impedimentos de matrimonio resultantes dos votos, da differença dos cultos, d'alguns crimes e da honestidade publica, nos Concilios de Granada (39), de Arles (40), de Chalcedonia (41), no segundo Concilio de Mileto (42) e em outros.

Os principes, longe de arrogarem a si poder algum sobre os matrimonios christãos, antes reconheceram e declararam que esse poder pleno pertence á Igreja. E na verdade, Honorio, Theodosio Junior e Justiniano (43), hesitaram confessar que no que toca ao matrimonio lhes não competia mais do que guardar e defender os Sagrados Canones. E, se publicaram alguns editos relativos aos impedimentos do não matrimonio, não vacillaram em declarar que obravam (44) com permissão e auctorisação da Igreja, cujo julgamento nas controversias tocantes á legitimidade dos nascimentos (45), aos divorcios (46) e enfim a tudo que se refere ao vinculo conjugal (47), aquelles principes costumaram invocar e aceitar com profundo respeito. Por consequente, em optimo e pleno direito, definiu o Concilio de Trento que ao poder da Igreja compete *estabelecer os impedimentos dirimentes (48) do matrimonio e que as causas matrimoniaes pertencem aos juizes ecclesiasticos.*

E cumpre que ninguem se deixe embair pela distincção, tão ardentemente preconizada pelos Regalistas, en-

tre o contracto do matrimonio e o sacramento, com o intuito de reservar o sacramento á Igreja e entregar o contracto ao poder e arbitrio dos principes seculares.—Por quanto, tal distincção, que é antes uma separação, não pôde na verdade admittir-se pois está provado e reconhecido que no matrimonio christão o contracto não pôde separar-se do sacramento, e que, por consequente, não pode existir no matrimonio verdadeiro e legitimo contracto sem que n'elle haja, por isso mesmo, verdadeiro sacramento. Porque Jesus Christo, Senhor Nosso, elevou o matrimonio á dignidade de sacramento e o matrimonio é o proprio contracto, se for celebrado segundo o direito.

A isto accresce que o matrimonio é um sacramento, precisamente porque é um signal sagrado que produz a graça e é a imagem da união mystica de Jesus Christo com a Igreja. Ora a forma e a imagem d'esta união consistem precisamente no laço intimo que une entre si o homem e a mulher e outra cousa não é senão o mesmo matrimonio. D'onde resulta que entre os christãos todo o matrimonio legitimo é sacramento em si e por si, e que nada ha mais contrario á verdade do que considerar o sacramento como um ornamento accessorio ou como uma propriedade extrinseca, que a vontade do homem pôde, por consequencia, desunir e separar a seu arbitrio.—Assim, nem o raciocinio nem os testemunhos historicos mostram que o poder sobre os matrimonios dos christãos deva justamente attribuir-se ao poder secular; e se, n'esta materia, fôr violado o direito d'outrem, ninguem certamente poderá afirmar que foi a Igreja quem o violou.

Prouvera a Deus que as doutrinas dos naturalistas, tão cheias de falsidades e de injustiças, não fossem ao mesmo tempo tão fecundas em desgraças e em ruinas! Mas é facil de ver quantos m les tem produzido a profanação do matrimonio, e com quantas calamidades ameaça no futuro a sociedade toda.

Em verdade foi divinamente estabelecida desde o principio uma lei, segundo a qual todas as instituições, que emanam de Deus e da natureza, são tanto mais uteis e saltares, quanto mais immutavelmente se conservam na integridade do seu estado primitivo, porque Deus, Creador de todas as cousas, bem soube o que convinha ao estabelecimento e á conservação de cada uma d'ellas e as ordenou todas por Sua Intelligencia e por Sua Vontade, de tal sorte que cada uma pôde attingir convenientemente o seu fim. Mas se a temeridade ou a malicia dos homens pretende alterar e produzir a per-

(39) De Aguirre, Conc. Hispan. tom. I, can. 13, 15, 16, 17.

(40) Harduin, Act. Concil. tom. I, can. 11.

(41) Ibid. can. 16.

(42) Ibid. can. 17.

(43) Novel 137.

(44) Fejer *Matrim. ex instit. Christ.* Pesth. 1835.

(45) Cap. 3 *de ordin. cognit.*

(46) Cap. 3 *de divort.*

(47) Cap. 13 *qui filii sint legit.*

(48) Trid. sess. XXVI, can. 4.

(33) Can. Apost. 16, 17, 18.

(34) Philosophum. Oxon. 1851.

(35) Epist. ad Polycarp. cap. 5.

(36) Apolog. mai. n. 15.

(37) Legat. pro Christian. nn. 32, 33.

(38) De coron. milit. cap. 13.

turbação n'esta ordem admiravel da Providencia, então as instituições, as mais sabias e utilmente estabelecidas, começam a degenerar em nocivas ou deixam de ser uteis, ou seja porque, em consequencia da alteração que sofreram, hajam perdido a sua efficacia para o bem, ou seja porque Deus tenha preferido punir assim o orgulho e a audacia dos mortaes.

Ora aquelles que negam que o matrimonio é sagrado e que, depois de o haverem despojado de toda a sanidade, o mettem no numero das cousas profanas, subvertem os proprios fundamentos da natureza, contrariam os designios da Providencia divina e destroem, tanto quanto d'elles depende, o que foi estabelecido por Deus sobre a terra. Por isso não devemos admirar-nos de que tentativas tão loucas e impias produzam tantos males funestissimos á salvação das almas e á existencia da sociedade.

Se consideramos o fim d'esta instituição divina do matrimonio, é evidente que Deus quiz derivar d'elle as mais fecundas fontes do bem-estar e da salvação publica. Com effeito, esta instituição, além de ter por objecto a propagação do genero humano, torna melhor e mais feliz a vida dos conjuges e realisa isso por diferentes modos: pela mutua ajuda, que serve de alliviar os encargos e necessidades da existencia; pelo amor constante e fiel; pelo amor constante e fiel; pela communhão de todos os bens e pela graça celeste produzida pelo sacramento Assim, o matrimonio tem muito poder e influencia no bem-estar das familias, pois que, desde o momento em que é celebrado segundo a ordem da natureza e em harmonia com os designios de Deus, contribue poderosamente para manter a concordia entre os paes e garante a boa educação dos filhos, modera a auctoridade paternal propondo-lhe como exemplo a auctoridade divina, e inspira a virtude da obediencia aos filhos para com os paes e aos creados para com os amos. De taes matrimonios a sociedade tem direito a esperar gerações e cidadãos animados do sentimento do bem, acostumados ao amor e ao temor de Deus, briosos no cumprimento dos seus deveres de obediencia para com as auctoridades justas e legitimadas, amantes do proximo e inoffensivos nas relações com todos os seus semelhantes.

(*Continúa*).

SECÇÃO SCIENTIFICA

UM CAPITULO D'HISTORIA PATRIA CONTEMPORANEA

FR. AGOSTINHO DA ANNUNCIACÃO

Este insigne varão dos nossos dias, humilde frade do Varatojo, falleceu em 14 de março de 1874. Por muitos titulos deve ser celebrada a sua memoria.

Elle foi *frade*: este nome faz só de per si arripiar de susto certos philosophos dos nossos dias: é um grito que concita os animos para uma guerra de irmãos.

Só porque se proferiu em voz alta o nome *frade*, os herdeiros dos seus bens ficaram assustados.

Ora pois, para dissipar em parte tal susto infundado, vamos aqui biographar brevemente o frade Agostinho da Annunciabão, cuja vocação religiosa apresenta uma circumstancia pouco vulgar, principalmente no seculo actual.

José Bento Ribeiro Gaspar se chamava elle antes de tomar o habito franciscano no convento de Santo Antonio do Varatojo. Nasceu na freguezia do Lourical do Campo, concelho de S. Vicente da Beira, sendo filho de Bento José Gaspar.

Matriculou-se na universidade de Coimbra, e em 1830 era estudante de 3.º anno de canones.

No referido anno chegaram a Coimbra dous missionarios do Varatojo fr. José da Assumpção e fr. Joaquim do Espirito Santo.

O primeiro foi depois nomeado bispo de Lamego, sendo confirmado em 1834 Falleceu nos arrabaldes de Lisboa em 18 de novembro de 1841, deixando varios livros repassados de unção evangelica e da mais solida doutrina. Foi um dos melhores missionarios do Varatojo, varão verdadeiramente apostolico.

Os dous frades, protegidos pelo Bispo de Coimbra, D. fr. Joaquim de Nossa Senhora da Nazareth (tambem tinha sido frade este grande Prelado), prégavam na Sé cathedral d'esta cidade.

Era tão grande o numero de pessoas de todas as edades e classes a ir ouvir-os, que, apesar da grande vastidão d'aquelle templo, não havia alli espaço para tanta gente.

Viram-se algumas vezes os missionarios obrigados a prégarem no largo da Feira. E o mesmo aconteceu em S. Martinho do Bispo, proximo de Coimbra, aonde corria para os ouvir uma innumeravel multidão de povo,

tanto da cidade, como de muitas povoações do campo. Alli prégaram n'um monte, em presenca de mais de cinco mil pessoas.

Quem nunca faltava a ouvir os taes missionarios, era o estudante de canones, a que acima alludimos, José Bento Ribeiro Gaspar.

Attrahido pelas doutrinas dos varatojanos, tomou aquelle estudante a resolução de abandonar a universidade e vestir o habito de S. Francisco.

A palavra de Deus, annunciada com energia pelos dous famosos prégadores, produziu o devido effeito na alma bem formada do estudante da faculdade de canones: José Bento executou promptamente a sua resolução Vestiu o habito franciscano, tomando o nome de fr. Agostinho da Annunciacão.

Mostrou sempre em todos os actos, na austeridade dos seus costumes o fervor religioso, que era verdadeira e sincera a sua vocação para o monachato.

Depois de extinctas as ordens religiosas, continuou fr. Agostinho inalteravelmente na practica de todas as virtudes.

Merecen ser director espiritual da infanta D. Izabel Maria; mas largou este honroso cargo, preferindo entregar-se á missão mais modesta, se bem que mais util, de educar a mocidade.

Fr. Agostinho da Annunciacão fundou e dirigiu o collegio de meninos orphãos de S. Fiel, em Lourical do Campo, sua patria Tambem fundou em Torres Vedras o collegio de S. José; e finalmente fundou no Varatojo um collegio para meninos, e outro para meninas.

Morreu este virtuoso filho do Patriarcha de Assiz, como já dissemos, em 14 de março de 1874, no Varatojo, com geral sentimento de todos os que o conheceram.

A memoria d'este frade será sempre abençoada, bem como a d'outros muitos de que reza a historia.

Mas extinguiram-se os frades, porque...

A este respeito diz o visconde de Almeida Garrett nas suas *Viagens na minha terra*:

«O progresso e a liberdade perdeu, não ganhou

«Quando me lembra tudo isto, quando vejo os conventos em ruinas, os egressos a pedir esmola, e os barões de berlinda, tenho saudades dos frades—não dos frades que foram, mas dos frades que podiam ser.»

E nós temos saudades dos frades que foram, dos verdadeiros que foram muitos, e podiam ser mais, dos frades como fr. Agostinha da An-

nunciação. Mas estes não convinham ao progresso e á liberdade.

P.º João Vieira Neves Castro da Cruz.

O artigo 7.º á face da razão e do bom senso, ou as contradicções de mr. Jules Ferry

PRIMEIRA CARTA

MR. JULES FERRY E O ARTIGO 7.º

(INTRODUÇÃO)

(Continuado da pagina n.º 102)

Sim, ainda aquelles que nada têm de monarchicos, nem de reaccionarios, nem d'auctoritarios o que, sobretudo, nada tem de clericalismo, que é o espectro que vos persegue e vos aterroriza, tambem esses, na hora decisiva, tirarão da espada de seu verbo liberal, para vibrar-a contra um projecto de lei que elles consideram mais ameaçador ainda para a liberdade, do que para a religião, mais funesto para a patria do que para a Igreja.

Em quanto esperamos, porém, que os honras do senado, mais celebres na oratoria e na politica, venham com sua eloquencia do alto da tribuna dirigir-vos suas interpellações e seus emprasamentos, permitti, sr. Ministro, que, de mais baixo e com menos eloquencia, tambem eu vos faça as minhas, e que, com toda a consideração e respeito devidos á vossa alta posição, mas com a maxima liberdade a que todo o cidadão tem direito, vos pergunte por que motivos vós, sendo ministro d'uma Republica que se chama liberal, pretendes tirar-mo a mim, francez, e em que vos pese, tam bom cidadão, como vós, o direito e a liberdade d'ensinar a juventude franceza?

Como justificaes vós, perante a razão e o bom senso, uma lei que me esbulha, sendo eu bom francez e bom cidadão, do direito mais absoluto e fundamental que tem todo o cidadão, não reconhecido por incapaz e indigno, do direito de ministrar a instrução a quem quizer de mim recobela?

Será muito exigir a um ministro liberal, perguntar-lhe as razões porque me priva da minha liberdade? O menor favor que podereis conceder áquelles a quem pensaes victimar, é sem duvida revelar-lhe os verdadeiros motivos que tendes para sacrificar-os.

Se houvesse alguma razão justa, para nos immolarmos pelo bem da patria, submeter-nos-iamos de boa vontade ao

sacrificio, fosse elle o da propria vida; não é d'hoje que nós sabemos morrer: mas, em nome d'uma lei expressamente feita contra nos, exigir-nos o sacrificio d'uma liberdade que, nos é mais cara que a propria vida, da liberdade de consagrar-nos áquella juventude, para cuja educação Deus nos chamou, e sem nos darem a razão d'esse sacrificio, seria, verdadeiramente, immolar-nos duas vezes.

Não: nós não podemos submeter-nos a este sacrificio, que nada justifica, com resignação silenciosa e muda. As victimas têm direito de perguntar ao algoz: Porque me feres? O proprio Jesus Christo, a innocencia e justiça personificadas no Homem-Deus, não se dedignou de perguntar em presença do Summo Sacerdote a razão da affronta que recebera: quando o servo lhe descarrogou na face uma bofetada, Jesus interrogou-o: «Se eu fallei mal, prova-m'o; mas se hei fallado bem porque razão me feres.»

Pretendemos usar tambem d'este direito elementar. Se na discussão que se está preparando, o numero e a força devem triumphar da justiça e do direito; se o golpe com que nos ameaçaes deve com effeito e em breve alcançar-nos, se havemos de ser necessariamente immolados, seja-nos, ao menos, de consolação o sabermos porque motivo nos sacrificam.

Ninguem com certeza poderá achar que somos exagerados em nossas pretensões, que ultrapassamos os nossos direitos, quando em nome da razão, do bom senso e da justiça vimos em prazar o sr. ministro da Republica a que nos diga bem alto queres os prejuizos de que somos culpados, a declarar-nos abertamente o seu reserva as razões que julgou ter para nos despojar, a nós da liberdade d'ensinar o a milhares de paes de familia, por consequencia, da de mandarem os seus filhos a educar *aonde* e *por quem* melhor lhes parecesse.

E quando perguntamos os motivos do ostracismo a que pretendeis votar-nos, não queremos fallar d'aquelles de que pode dizer-se: «O coração tem motivos seus, que a razão não conhece:» queremos, sim, fallar dos que nascem, não do coração, mas da intelligencia, não da paixão, mas da verdade, não do odio, mas da justiça; n'uma palavra, dos que o bom senso approva, dos que justificam diante da razão. Estes motivos aguarda-os o Senado, esperam-n'os os paes de familia: por toda a parte ha uma voz que vos clama: O sr. Julio Ferry ameaça-nos com a proseripção; que diga pois o sr. Julio Ferry que motivos tem para nos proseriver.

Quaesquer que sejam esses motivos,

sr. ministro, vós tendes tanto maior dever de declarar-os, e nós tanto maior direito de exigir-vol-os, que ha pouco, ao apresentar os vossos projectos e ao tentar justificar-os, parecestes querer dar á Camara, como suprema razão vossa, a omnipotencia d'ella.

Fostes vós mesmo, com effeito, sr. ministro se a memoria nos não falla, quem dizia aos nossos deputados, dando-lhes pressa em sancionar quanto antes os vossos projectos, que o tempo urgia, que não tinheis nem um só instante a perder, que, com a maioria que o suffragio universal vos concedera, *podieis tudo quanto quizesseis*.

Eis em substancia, sr. ministro, o que ouzo dizer-vos para tomar d'assalto a approvação immediata dos liberaes vossos amigos. Tacs palavras na bocca d'un ministro poderoso fallando em nome do governo a que pertence, dão muito que pensar ácerca do liberalismo de vossos projectos, porquanto annunciavam claramente o proposito firme de desprezar quaesquer razões.

Vós podeis tudo quanto quereis: seja assim. Sois os mais fortes: quem o contesta? Que nós saibamos, porém, o poder não é tudo: ainda quando se possa tudo, torna-se necessario ter alguma razão: a não ser que aquella celebre formula, *Sic volo, sic jubeo, sit pro ratione voluntas* haja de ser d'aqui por diante o lemma ou divisa da Republica e dos ministros liberaes.

«Posso; quero e mando; quero, porque quero» assim diria algum Jupiter trouvejando no Céu, ou algum despota reinando sobre a terra. Como é que uma tal formula só propria dos tyrannos que tanto detestaes, poderia ser adoptada pela republica a cujo serviço vos pozestes? Não sr. ministro, não para o servo d'uma republica que arvora o estandarte da tolerancia e da liberdade, não lhe basta poder. Quanto mais poder tendes, mais razão deveis ter tambem, e quanto mais graves são as consequencias da lei que propondes, maior é o dever que tendes de apresentar as razões sobre as quaes pretendeis apoiar-vos.

«As minhas razões, dizeis, toda a gente as sabe; nem os meus amigos nem eu fizemos mysterio d'isto. Não vos direi: Tornai a ler os meus discursos pronunciados na tribuna e n'outros logares; áparte a modestia, convenho em que não façais caso d'elles. Quero antes dizer-vos: Tornai a ler o sr. Spuller, tornai a ler o sr. Paulo Bert, tornai a ler o sr. Deschanel, tornai a ler o proprio sr. Madier—Moutjau, o qual, posto que algumas vezes vá um pouco longe, tem entretanto cousas muito boas. Depois de o lerdes, achareis que eu sou ainda muito mo-

derado; e perguntaréis como é que á vista d'estas razões eu não proponho immediatamente a expulsão pura e simples de todas as cathogorias de congreganistas e de jesuitas, de que nos queremos desfazer legalmente, e ficareis talvez muito obrigado ao meu artigo 7 por se contentar com tão pouco. Em summa, o *Officiel* ahí está para dar testemunho das razões adduzidas por mim, por meus amigos, e sobretudo pelo incomparavel Spuller no seu immortal relatorio. Lêde pois o *Officiel*. E já que quereis saber as razões, alli, eu vol-o juro, as encontrareis numerosas, decisivas, esmagadoras.»

—E' inutil, sr. ministro, mandarnos ver o *Officiel* e esses primores d'oratoria que todos conhecem. Tudo o que o *Officiel* encerra não é palavra do Evangelho. E demais para que é isso?

Se nós não podemos ouvir, podemos ler: e lemos effectivamente com a attenção e curiosidade que pediam a gravidade que o debate tinha em si mesmo e o interesse especial que tinha para nós.

E sem querer offender a vossa modestia, hemos lido com particular attenção e curiosidade os discursos do sr. ministro, aos quaes, por muito boas razões, ligamos bem mais importancia, que a todos os outros.

Não quero dizer com isto que tenhamos desprezado inteiramente todos os que convosco se apresentaram como os mais ardentes defensores da vossa causa. Como toda a gente, e mais que ninguem, acompanhamos sobre a scena parlamentar o jogo singularmente interessante dos vossos mais celebres comparsas, e do mesmo modo que a França e o mundo, tivemos occasião de admirar a eloquencia do sr. Spuller, a boa fé do sr. Paulo Bort, a dignidade do sr. Deschanel e sobretudo a moderação do sr. Madier-Montjau. Este espectáculo, ainda que visto de longe, attrahia-nos e até nos divertia algum tanto. Mas desde o momento em que d'este debate solemne tinham desaparecido as declamações de genero tragico, as accusações altamente comicas, para dar lugar ás razões do homem d'Estado e do grande politico; era a vós, sr. ministro, como bem vêdes, a vós que sois o órgão official do vosso governo, a vós que sois o auctor do celebre projecto, que nós deviamos dirigir-nos, era em vossos numerosos e calorosos discursos que deviamos procurar essas razões.

Mas ah! fallo-vos com a mão na consciencia, essas razões taes como as desejavamos e as reclamava a importancia do assumpto, em vão as procuramos ahí; e muitos d'entre os vossos amigos tão bons republicanos e anti-clericas como vós, não foram mais

felizes. Atravez dos relampagos e dos raios d'uma eloquencia assás tempestuosa por vezes, em vão procuraram entrever as razões que esperavam para adherirem á vossa causa. Illudidas as suas esperanças, ficaram perfeitamente desconcertados. Em seu desapontamento d'amigos sinceros da Republica e do sr. Julio Ferry, suppozeram que V. Ex.ª guardava *in petto* e reservava para a ultima hora, os motivos pe-rempitorios que vos levaram a emprehender deante da França esta lucta tão encarniçada.

(Continua.)

SECÇÃO CRITICA

ANTONIO CANDIDO NA CAMARA

Um assignante e constante leitor do «Progresso Catholico» e admirador do muito reverendo sr. padre Senna Freitas, não tendo tempo sufficiente para, com devida venia, que seria gostosamente sollicitada, collaburar n'aquelle campeão da boa causa, apezar da vontade, que me sobeja e que, em algumas occasiões, como n'esta, fortemente o incita, recommenda á critica incisiva e apostolica do esclarecido e denodado orador e escriptor (1) os seguintes trechos dos bombasticos discursos, pronunciados pelo famigerado orador, sagrado — nas ordens, secular — nas idéas, Antonio Candido Ribeiro da Costa, nas sessões, só por isso celebres e nunca assás celebradas, da camara dos deputados de 17 e 18 de febreiro ultimo, os quaes discursos se lêem a paginas 603 e seguintes do respectivo diario, correctos pelo seu auctor, que os não restituira a tempo de serem publicados nos lugares competentes, tendo por isso a maior e a mais triste authenticidade. Ahí vão os trechos.

«... á causa da liberdade, que a minha consciencia adora» (um homem e sobretudo um padre a render á liberdade o culto, que só é devido a Deus!) «e á causa do povo... em que a fatalidade do berço poz a minha origem»... Um homem e sobretudo um padre a substituir a providencia de Deus pela fatalidade dos acontecimentos!

... «o mais opulento brazão, que pôde adquirir uma idéa moderna: o ge-

nio de Victor Hugo, o maior poeta d'este seculo (queria talvez dizer o maior utopista), e a palavra de Castellar, o maior orador de toda a historia!»! (2) Seria melhor o maior declamador, o maior arengador, ou cousa semelhante. Sufa! Cessa tudo quanto a antiga musa canta! Mas... pobres idéas modernas!...

... «na ordem social só se pôde chamar reforma a que produz um augmento consideravel de justiça e de liberdade.» De maneira que o augmento em outra qualquer cousa não é reforma, e, mesmo n'estas duas, é necessario que seja consideravel.

... «não ha intenções, que valham contra a fatalidade de um falso meio.» O desgraçado, além de tudo o mais, parece fatalista, pela insistencia, com que falla em fatalismo. A fallar a verdade, não ha systema mais commodo para as ruins idéas e para as ruins paixões: o peior é o resultado fatal, a que elle conduz, no tempo... e na eternidade! Tinha dito S. Martinho: «*Si peccare vis, quare ubi non te videat Deus, et fac quod vis*». Se queres peccar, procura um lugar, onde Deus te não veja, e faz o que tiveres na vontade. Era isto impossivel, porque, como ensina o cathecismo, cujo desconhecimento é o grande mal de todos os nossos Antonios Candidos, Deus está em toda a parte. Mas, o que era impossivel para a Aguia da Igreja, é possivel e até facil no conceito da aguia das nossas côrtes. A cousa é simples: basta que a gente se ache em um falso meio; e, como, segundo parece, a fatalidade é que a elle nos conduz, nem sequer temos a responsabilidade da escolha! Portanto, collocados fatalmente em um falso meio, o que temos a fazer é deixarmo-nos estar muito quietinhos e deixarmos obrar a natureza, ou a sorte, ou o que quer que é que constitue o falso meio, porque, insiste a aguia d'este cantinho occi-

(2) Não me parece possivel poder-se negar a Emilio Castelar a qualificação de orador eminente em todo o rigor da expressão, apezar das suas ideas demasiadamente liberaes; agora chamar-lhe o maior orador de toda a historia, isso... historias! A não ser que o seja no mesmo sentido em que o sr. padre Antonio Candido, é «o maior orador da peninsula».. Quem, por exemplo, ler os eloquentissimos discursos de Donoso Cortés encontrar-lhes-ha uma facundia igual senão superior á do celebre orador hespanhol, menos o phrasedado espumoso e em certo modo effeminado que este por vezes emprega.

(1) Peço licença ao distincto articulista anonymo para regeitar estas expressões.

dental, «é um erro supôr que os homens podem reagir contra o meio legal, em que vivem.» E' de pau e tenho dito, é de pau e bem bonito! Mas... como será? então possíveis as reformas, isto é, os aumentos consideráveis de justiça e de liberdade? *Dicant paduani*, ou antes diga-o o sr. Antonio Candido, se o seu meio lh'o permittir!

Derramando sobre o sr. Rodrigues de Freitas uma cornucopia de cortezias e gratidões, confere-lhe o sr. Antonio Candido o pomposo titulo de «veneravel representante do partido republicano.» Elle que o diz é porque o sabe... A este respeito é provavel que se entendam um com o outro, ou generalizando, uns com os outros...

Mas não é só a pessoa do republicano que se dirige o nosso orador: é também ás theorias d'elle. Assim, isenta-o de toda a responsabilidade na boa, ou má gestão dos negocios publicos, por que nunca interveio n'elles «senão com a elevada affirmação das suas doutrinas e com a formosa e desassomburada eloquencia dos seus protestos.» Olhem que desassombro, que formosura, que elevação, que independencia, que lindeza, que sublimidade nos desconchavos e chocarices contra o actual, não veneravel, mas venerando Chefe da Igreja Catholica, digno successor do immortal Pio IX; e nas impiedades e blasfemias contra os dogmas da Immaculada Conceição e da Infalibilidade Pontificia!! O que se segue d'aqui é que tão bom é o louvador como o louvado; e, se não acham nas palavras transcriptas elementos bastantes para assentar tal juizo, vejam um pouco mais adiante como aquelle chama ao discurso d'este: «memoravel discurso de resposta ao illustre deputado o sr. Pires de Lima sobre o incidente religioso, que se levantou aqui,» de modo que, no entender do sr. Antonio Candido, o discurso do sr. Rodrigues de Freitas foi memoravel, (lá isso foi, sem duvida, mas de tristissima memoria!) e, segundo se deixa entrever, de resposta sem replica, sem impugnação possível! E diz isto um padre!..

No primeiro discurso do nosso orador, Gambetta fôra o «ardente e fervoroso republicano, sinceramente devotado á elevação da sua patria.» No segundo discurso sobe a assignação. «A gloriosa campanha de Gambetta contra os ultimos ministerios de MacMahon deu em resultado a paz á França; e a consciencia humana a consolidação (que cousa, além de tudo o mais, tão piegas!) de vêr á frente do primeiro povo do mundo o filho mais modesto e mais virtuoso d'esse povo!»—Muito haviam de rir o presi-

dente da republica e o presidente da camara se lessem isto, sobretudo se estivessem um com o outro! Mas o que parece impossivel é que hajam francezes, tão desconhecedores dos seus proprios interesses espirituaes e temporaes, tão pouco devotados á elevação e ao engrandecimento da sua patria, que não estejam contentes com o achado! Que caridade lhes faria o sr. Antonio Candido, se voasse para lá a convencel-os, com os arrojões da sua eloquencia inspirada!

José Estevão tambem veio á barra com a sua palavra, que nunca teve outra inspiração, que não fosse o amor da patria, que elle estremecia como filho, e a religião da liberdade, que elle zelava como sacerdote!!... Era caso de dizer —*risum teneatis*—, se não fosse o —*parce sepultis*—.

Os discursos, cujos topicos ficam apontados, como chamariz á attenção e ao escalpello do redactor principal do «Progresso Catholico,» (3) definem bem o novo astro, que desponta no horizonte parlamentar. Resta a explicação d'elles; e a explicação é autentica, porque é dada pelo proprio auctor: estou no habito «de pôr sempre a minha consciencia á inteira disposição da minha palavra». Isto não se commenta, porque o commentario tirava-lhe a força, mas tinha um premio, que era a nomeação de bispo *in partibus impudentium*.

Lisboa 9 de março de 1880.

UM ANONYMO.

SECÇÃO LITTERARIA

A ENGEITADA

Mal fito as ondas da luz,
e tóco da vida as margens,

(3) A circumstancia de ser quinzenal a nossa Revista, deu lugar a que a imprensa catholica do paiz tivesse analysado minudenciosamente o discurso do sr. Antonio Candido, antes que nós o podessemos fazer.

Afuroou-se toda a caça de boa montaria, alapardada no famoso discurso; de sorte que pouco ou nada me restaria agora a descobrir e a ferir. Importancia já se deu, talvez até demais, ao gambetico e demagogico *speech* do senhor Antonio: passemos á ordem do dia, e deixemos em paz o tonsurado para-lamentar. Mas socegue o presado anonymo, que ficamos de vedeta para a primeira occasião.

S. F.

são-me um deserto estas vargenas,
e o céu de chumbo! Jesus!...

Nas urzes que a estrada tem
minh'alma cansa... esmorece...
Senhor, ninguem me conhece;
não me agasalha ninguem.

Todos tem benções de mãe;
de mãe o seio, os carinhos...
só eu, por leite de arminhos,
as lageas que a rua tem!

Aureolado de amor
a todos déste um futuro...
Se hei um porvir, é-me escuro;
—velam-n'o os crepes da dor.

Mal vejo ao ninho a trocax
trazer os grãos desde a aurora,
em prantos vou por'hi fóra:
«Mãe, minha mãe, onde estás?!..»

A inopia fez-se-me irmã;
é socio meu o abandono,
ou durma, ou fuja-me o somno
antes do albor da manhã!

Risos?... nem sei o que são.
Se eu erro á tarde no prado,
noite se faz a meu lado;
rasgam-me abrolhos a mão.

Tantos abysmos por cá...
sarças a terra só veste!...
Contra as injurias do leste,
nem abrigada aqui ha!...

Faz-me pena a solidão;
mette horror a sociedade...
e se é que existe a amizade,
todos extranhos me são...

E diz', meu Deus, n'este val
póde viver-se tal vida?
Agar infante, perdida,
verganlo ao péso do mal?

Sem paz, sem guia, sem luz?
sem tenues longos de esp'rança?
um horto só por herança?
tão joven já sob a cruz?

Na mente o horror de Babel?
no seio um mar em tormenta?
sempre na bocca sedenta,
onda a onda, o turvo fel'??...

Vem, pois!... Acolhe-me em ti...
atalha da vida as fraguas...
O mundo é ermo sem aguas,
dá-me as fragancias d'ahi.

Dá-me esse affecto, esses bens
que sobram no edén celeste!
Dá-me as venturas que deste
a tantos que já lá tens.

Chama-me a ti, donde vim...
Vem d'este exilio salvar-me...
Deixa, Senhor, ir sentar-me
nesse convivio sem fim.

MANUEL MARIA FRUCTUOSO. (1)

Coisas

Uma excellente noticia para os amigos das boas letras e das velhas glorias portuguezas! Os benemeritos editores da «India Catholica», de Bombaim, vão publicar o «Oriente Conquistado».

Por hoje limitamo-nos a transcrever o seguinte aviso:

«ORIENTE CONQUISTADO.

«Quem não quererá ter um exemplar desta obra monumental, tão erudita e rica de noticias sobre as christandades desta nossa India?»

Ora se nos auxiliarem o clero e os catholicos, tomamos a nós o grande encargo de lhes proporcionar um methodo facil de obter o precioso livro.

Pertendemos reimprimil-o.

Eis o plano da publicação:

Para acudir aos gastos da impressão, que é escusado dizer, avultam bastante, abrimos desde já uma subscrição. SENDO PAGOS ADIANTAMENTE os exemplares assignados, que serão entregues em oito separados fasciculos, constando cada fas-

(1) Ao sr. Fructuoso pedimos e até rogamos com um egoismo perdoavel, que não desça nunca do Parnaso, o cultive fervorosamente a sua musa religiosa, que com certeza tanto o estremece. Não lhe seja esquivo, para que ella não abandone por uma vez este Portugal da musa erotica, preferida dos nossos poetas materialissimos d'agora. Para poesias como a que acima fica, creia s. ex.ª que haverá sempre espaço nas columnas do *Progresso Catholico*.

s. f.

ciculo de 'aproximadamente 100 paginas, formato 4.º grande.

A obra completa custará 6 rupias para os que subscvem e pagarem *adiantadamente*, isto é, dentro em dois mezes a contar desta data.

Para os que não forem assignantes, custará cada fasciculo 1 rupia, isto é 8 rupias a obra completa.

As assignaturas devem ser dirigidas e pagas no escriptorio desta Redacção.

A remessa dos exemplares corre por conta do editor.º

Se encontrarmos o apoio que esperamos, entrará a obra para o prelo nos principios de abril, e a sua impressão, que será em typo novo e bom papel, correrá com a maior presteza possivel.

Escriptorio da «India Catholica», Bombaim 14 de Janeiro de 1880.

Fazemos votos por que a empresa consiga o seu fim e alcance muitas assignaturas. Com a nossa pode contar.

O «Diario de Noticias» de 9 de fevereiro diz por bocca do seu correspondente de Pariz, que a idea do divorcio van adquirindo muitos proselitos em França, e que a annullação de certo matrimonio declarada ultimamente pela Santa Sé voio a *talho de fouce* para tapar a bocca aos catholicos (*sic*) afim de não puderem *tugir* nem *mugir* contra o desideratum de todos os sectarios do amor-livre, — dos livres-pensadores e dos livres-vivedores, socialistas e nihilistas quer o queiram quer não.

Este dizer ou esta *dizidella* do *in-color*, parece indicar 1.º que elle não é catholico (nem isso é novidade certamente); 2.º que a declaração canonica de ter sido nullo um matrimonio por se ter dado a seu respeito algum impedimento «derimento», é o mesmo que approvar a funesta, anti-social e anti-religiosa doutrina do divorcio; o que é falsissimo.

Declarar que um matrimonio foi nullo por falta de uma das condições essenciaes — a liberdade de algum dos nubentes — (e foi esse o caso da esposa do principe reinante de Monaco, como se provou até á evidencia perante duas commissões de Cardeaes), não é o mesmo que dizer que se póde cazar e descazar, á vontade, para estabelecer na Europa a *civilisação* dos bosques virgens da America ou de certas ilhas da Occiania.

O sr. Lepère, ministro dos cultos em França, dizem certos amigos da liberdade com visivel contentamento, *foi muito applaudido* quando exclamou em plena camara defendendo certo

acto despotico do governo contra os *Irmãos das escolas christãos* de Alais: «Os catholicos, apresentando-se como martyres representam uma comedia que não illude a França»; e «muito applaudido» foi tambem, segundo os mesmos supraditos, o celeberrimo e *veridico* Ferry quando na mesma sessão gritou com toda a força dos seus pulmões: «A liberdade existe para todos», — dando como prova que os catholicos abrem por toda a parte numerosas escolas (á sua custa depois de já terem pago para a instrucção de seus filhos). — escolas que em grande parte o tal sr. Ferry pretende fechar com o artigo 7.º da sua *preciosa* lei *sobre* — isto é contra — a liberdade de ensino.

Maganões! Quando assim se abusa da linguagem, chamando ao branco preto, é necessario chamar ao preto branco.

A «Democracia» por certo que está de acordo! *Não ha remedio!*

Feliz muito feliz a *Italia regenerada!*.. Alem do mais que já sabem nossos leitores, «a accusação feita ha pouco pelo senador Magni ao governo liberal de «roubar a terra aos proprietarios», é renovada n'u na correspondencia de Monteleone ao insuspeito *Bersagliere* de Roma, n.º 284. Aquelle correspondente faz-nos saber que são *trinta e cinco mil e setenta e quatro*, — 35,074 — as expropriações feitas em poucos annos em favor do erario por tributos que se não puderam pagar!

As provincias napolitanas entram nesta expolição inaudita pela enorme cifra de 11,012. A Toscana, Marcas, Umbria, Veneza, etc., por 4,309. Quanto á Sardenha, essa parece estar para cair inteiramente nas mãos do fisco; as expropriações neste desgraçado paiz sobem a 20,077! — Assim e lemos na «Unità» (n.º 245).

Como devem estar contentes e felizes os pobres despojados!

A miseria na instruida, protestante e liberalésca Allonanha do *Kulturkampf* vão de fôz em fora. A nossa «Democracia» pode-se enthusiasmar á verdade contêmpando a obra do *grande Chancellor*. Não só os crimes desta ha poucos annos para cá tem duplicado e triplicado, mas o rebaixamento da dignidade humana manifesta-se por todos os modos e maneiras, sobre tudo nos grandes centros da moderna civilisação teutonica.

O sr. G. Schisser acaba de publi-

car um opusculo sobre os vagabundos (*Über vagabundenthum und Heimath*) em que pinta com tenebrosas cores a condição dos operarios na Allemanha. Depois de nos apontar os milhares e milhares de infelizes que se acham sem trabalho, expostos a mil privações, falla-nos dos *lugares de dormir* destes operarios vagabundos e sem trahalho.

Diz que ha, só em Berlin, 45,000 destes *lugares* (*Schlafstelle*), «horri-veis em todo o sentido». E accrescenta: «O numero dos individuos que alli repousam é de 78,696, entre homens e mulheres; isto é 60,574 do sexo masculino (*Schlafourschen*) e 18,124 do femenino (*Schlafmaedchen*).

«Segundo a estatística da policia, 25,716 dormem dous a dous; 17,490, tres a tres; 7,430, a quatro.; 2,680, a cinco!; 1562 a seis e a mais em cada leito!

«N'estes immundos receptaculos quanto resta de poder e de energia na creatura humana desaparece.»

Os jornaes conservadores allemães pedem restricções ao direito de emigração, mudanças de domicilio, etc., para remediar a semelhantes males. O verdadeiro remedio para este doloroso estado de coisas, diz com razão um publicista sensato, é a volta ao Catholicismo ou pelo menos dar-se á Igreja Catholica toda a liberdade para que exerça na mais ampla escala possivel a sua benéfica e salutar influencia na Allemanha, que se vê ameaçada de grangrena moral, a peor de todas.

UM VIMARANENSE.

Uma confissão de Emilio Castellar sobre S. Bento

Quereis saber qual é o filho predilecto a quem Italia rende hoje a homenagem d'uma festividade e eleva á apoteose d'uma estatua?

E' a um monge, a um penitente, a um solitario, ao pobre S. Bento.

Corriam os ultimos annos do seculo V, em que se teria crido proximo o fim do mundo e como que já preparado nos céos o Juizo final.

A Igreja em scisma; o Imperio em ruinas; as sciencias e as artes no seu occaso; o esgoto da corrupção antiga disseminado sobre a Europa; os incendios atizados não havia muito pela colera de Alarico e Atila consumindo os ossos d'aquellas gerações infelizes; o throno de Constantinopla deshonorado; a Cidade Eterna tres vezes saqueada; os barbaros

caindo sobre as povoações como nuvens de gafanbotos sobre os campos; as Gallias subjugadas ao norte pelos francos e ao sul pelos borgundos; a Hespanha devastada pelos vandalos, suevos, alanos e visigodos; todo o norte d'Affrica desolado, parecia que o céo em vez de luz dava sombras; e em vez de enviar os raios de calor para produzir a vida, enviava como aves de rapina ou como effluvios pestilentos os anjos exterminadores para semear a morte, quando nas cordilheiras dos Apeninos, a cincoenta milhas de Roma, n'aquelles valles que as aguas do Anio cavaram e as antigas tribus sabinas habitaram; no interior d'uma caverna cuja sombria entrada engrinaldam espinheiros, refugiou-se um descendente dos antigos patricios, chamado Bento, aos 15 annos de idade; e depois de ter macerado o corpo com penitencias e jejuns, bem como recolhido a sua alma na meditação, vai de Sciaco a Monte-Casino, e alli estende os seus braços em cruz entre as inundações germanicas e lhes abre sangradouros, convertendo feras como Totila em homens; lança sobre o diluvio de lagrimas as suas orações e as suas esperanças, que aproximam a dor da bemaventurança; consagra em meio da guerra destructora que tudo acomete e tudo arruina, a virtude vivificante do trabalho, que tudo produz e tudo transforma, e funda esses mosteiros, reductos onde se quebraram as ondas da barbarie, arcas onde se salvaram os germens da civilização, tochas accesas no meio da espessa ignorancia, Sinais que alumiarão o mundo moderno nascente. Calvarios que nos redemiram da escravidão, Cenaculos donde partiram, só com a arma da palavra, os missionarios do christianismo para baptisarem as tribus do Norte e propagarem com as ideas evangelicas as sementes de liberdade.

Bem faz a Italia... em celebrar a memoria do seu illustre filho e em dizer ás gerações que possuem uma cultura superior, em que sitio nasceu o penitente cuja Ordem e Regra soube domar com a palavra, com a idéa, com a oração, o mundo barba-ro, e estender com o trabalho, com a leitura, com a industria, as bases incontestaveis do mundo moderno.»

E. CASTELLAR.

A CIGANA

FOR

D. MARIA DEL PILAR SINUES

Versão livre

DE

J. DE FREITAS

V

(Continuado do n.º 10)

— Senhora, disse, são já indignas as attentões que tenho tido, e estou resolvido a empregar a violencia para me apoderar d'essa chave, que me rouba meus filhos. E creia, senhora, que o conseguirei.

— Veremos, me respondeu com o seu costumado e insultante sorriso nos labios. E levantando-se aproximou-se d'uma janella e lançou a chave em um tanque que havia por baixo d'ella.

— Ah! gritei eu desesperado; quer a guerra? pois bem, teremos guerra.

E sahi da sala onde nos achavamos fechando a porta com a chave.

Em seguida mandei chamar um ferreiro para que forçasse a porta, sem dar ouvidos aos gritos desesperados de minha mulher, que dizia lhe queria roubar os filhos para os matar.

Abriu-se a porta do quarto de meus filhos. A estrella d'alva inundava de palida luz o espaçoso aposento, onde repousava a innocencia. Dei ordem a um creado que corresse a procurar uma carroagem de posta, e enquanto provi-me de dinheiro, envolvi os meninos na minha capa e esperei.

Um instante depois entrava na carroagem, onde respirei livremente, por que o trote rapido dos cavallos me dava a certeza de que me afastava com meus filhos de Paris.

Mas, em meio d'este prazer, d'este contentamento que me hia n'alma, sentia o remorso a accusar-me por deixar aquella mãe só no mundo, roubando-lhe os proprios filhos, os unicos que podiam linitivar-lhe as dores do coração. De mais, eu estava resolvido a não voltar mais ao lado d'ella, e conhecendo que suas faltas nasciam mais do character que do coração, achava demasiadamente cruel o castigo que lhe impunha.

Não paramos em todo o dia. A alegria pintava-se nos rostos de meus filhos, que se achavam bem em minha companhia. Contava Julia seis annos, e Roberto dez; parece-me não

vos haver dito ainda o nome das duas creanças.

Que vos encomoda, caridoso joven? disse o peregrino, interrompendo a narração de sua historia. Que occasiona essa palidez, que vejo invadir-vos as faces?

Roberto, n'uma terrivel convulsão, não podia responder; com os olhos cravados no ancião, olhava-o com espanto, confuso.

—Ah! exclamou alfim, deixando ouvir atravez da garganta opprimida por uma emoção profunda, alguns gemidos. Quereis dizer-me o vosso nome?

—Ouvi. Um dia, em Roma, fiz um voto de não dizer o meu nome a pessoa alguma emquanto não encontrasse meus filhos.

—Pois senhor, respondeu Roberto; não ha voto algum que me possa impedir de vos dizer o meu: chamome Roberto de Hoursaye.

—Meu Deus! que escuto! exclamou o peregrino tentando erguer-se do leito. E depois, apoiando as mãos nos hombros do joven, cravou em seu semblante uma vista tão attenta, que parecia com ella querer lêr no fundo de sua alma.

—Filho, gritou depois, meu filho! e eu sem te haver conhecido! sem meu coração te advinhar!

Oh! sim! tu és meu filho, aquelle filho que me roubaram e que eu tanto tenho procurado por toda a extensão da terra! Deixa que te fite mais uma vez, que te abraçe, para que a vida, depois de a haver perdido, me torne a ser restituída!

E o pobre velho cobria Roberto de caricias que lh'as devolvía de envolta com lagrimas de ternura e alegria.

De repente sentiu que o amavel laço com que o prendiam os braços do mendigo hia pouco a pouco tornando-se mais frouxo e que a cabeça se lhe recostava nas almofadas do leito, ao mesmo tempo que o fitava com espanto.

Estava pallido e em suas feições pintava-se a mais espantosa das dôres.

—E tua mãe? e Julia? perguntou com voz debil; vivem? que é d'ellas?

—Minha mãe vive, meu pae, contestou Roberto que em sua esquisita bondade de seu coração, comprehendeu que devia ser a melhor noticia a que primeiro lhe devera dar.

—E tua irmã?

—Nada sei d'ella, meu pae.

A estas palavras seguiu-se um silencio profundo. Roberto fitou o peregrino e nem teve tempo nem forças para o sustentar em seus braços. As successivas emoções que ha-

via experimentado esgotaram-lhe as forças e cahiu desmaiado no leito.

Roberto sahiu a pedir soccorro; mas na occasião em que o fez, passava o seu creado particular a chamar em altos gritos por Izabel.

—Que aconteceu? perguntou esta apparendo á porta do quarto de D. Antonia.

—Estão chamando á grade do jardim: é uma senhora franceza, acompanhada de sua filha, uma encantadora menina, que pedem hospitalidade por esta noite, dizendo que se lhe quebrou a carruagem em que viajavam.

—Estamos agora mesmo em bom estado para dar hospitalidade, murmurou a creada, deixando presentir o seu mau humor. Vossô não sabe que a senhora está a morrer?

—A morrer! meu Deus! exclamou Roberto com voz abafada; a morrer os dois! piedade, meu Deus! piedade para meus paes!

E o desgraçado mancebo, assim fallando, cahiu desmaiado no pavimento do quarto.

(Continua.)

SECÇÃO BIBLIOGRAPHICA

A Historia Popular dos Papas

A historia dos papas é a historia da civilisação.

Temos n'ella a serie não interrompida dos pontifices desde Pedro, o pescador da Gallilea, até Leão XIII, e admiramos os relevantes serviços por elles prestados no longo espaço de dezenove seculos.

Desce a Egreja ás catacumbas ou sentem-se os passos dos barbaros do quinto seculo? As diversas raças do norte conquistam o refundem a Europa, ou Constantinopla torna-se a cidade das heresias? Os arabes ameaçam os destinos da christandade ou os imperadores da Allemanha consideram a Egreja serva do poder temporal? Lutherero proclama a Reforma, e a revolução franceza entrega a religião do Calvario á profanação e á blasphemia? A' incredulidade do seculo XVIII succede o materialismo do presente seculo? Em todas as evoluções por que tem passado a civilisação moderna, quanto é elevada a missão dos papas?

Em face de Nero apparece Pedro e Lino. Era a soberania da fé em frente da soberania da espada.

As ondas dos barbaros cobrem a superficie do imperio, e Leão I sahe ao encontro de Attila e de Genserico. Era a civilisação diante da barbaria.

Era mister que as nações barbaras caissem aos pés sagrados da Cruz; e Gregorio I envia missionarios aos wisigodos da Hespanha, aos lombardos da Italia, aos anglos e saxonios de Inglaterra, e Gregorio II manda a luz da fé ás tribus ferozes da Allemanha.

Cumpria lembrar aos príncipes da idade média os deveres da realeza, e Innocencio III protege a fraqueza dos subditos contra a força dos reis.

Os arabes dominam Constantinopla, submettem a Africa, passam á Hespanha, e ameaçam invadir a Europa. Urbano II dá o signal do perigo, e a Europa lança se sobre a Asia.

Agora admiramos Gregorio VII abraçando-se ao pendão sagrado da justiça e do direito e proclamando-se independente da pressão germanica.

Logo assistimos ás procellas politicas que atiraram a sôde pontificia para o exilio, e occasionaram o grande schisma que entregou na idade média os direitos sagrados do papado á disputa e ao desprezo.

Acolá vemos os guardas incorruptivos da moral e do dogma que sentados na cadeira de S. Pedro, defenderam a religião do Calvario, de Ario até Lutherero, de Jancenio até os nossos dias.

Aqui achamo-nos diante do grande vulto de Xisto V, impedindo pela abjurção de Henrique IV, que a França se fizesse protestante; diante de Pio VII, oppondo uma coragem admiravel ao gigante que havia triumphado das forças da Europa; ou diante da sympathica figura do Pio IX, sustentando alto com o labaro da fé o pendão da liberdade da Egreja.

Ao lado d'estes, quantos outros cingiram a thiarra dos pontifices e foram no seu seculo verdadeiras celebrações europeas?

Eil-o o papado na sua lucta de dezenove seculos, ora combatendo a heresia, ora a corrupção do seculo, hoje censurando a prepotencia dos soberanos, amanhã a turbulencia dos povos, agora assistindo ás victorias ephemeras da força sobre o direito, logo, aos triumphos do direito sobre a força.

Era necessario um livro no alcance de todos que publicasse serviços tão eminentes

Além d'isso, não tem havido calunnia que não tenha sido imputada aos pontifices de Roma, sem ter existido um livro para desmentir erros

que o publico ignorante e credulo facil toma por verdades historicas

Esta lacuna veio prehenchel-a o actual escriptor catholico M. Chantrel, escrevendo a *Historia Popular dos Papas*.

Esta publicação importante não tem só as sympathias de illustres membros do clero de França. Entre a approvação de alguns membros do episcopado portuguez, tem a do Ex.^{mo} e Rev.^{mo} Snr. D. Manuel Agostinho Barreto.

Corre este livro traduzido por A. J. de Carvalho.

Diante de recommendações de tanto peso, não ha leitura mais necessaria, nem paginas mais interessantes.

Padre PONTES.

Da *Verdade* do Funchal.

RETROSPECTO DA QUINZENA

SUMMARIO:

O nihilismo da Russia comparado com o nihilismo de Portugal; consequências d'este ultimo; qual seja o peor, querendo ambos o arrazamento de tudo que a elles lles parece velho; saudades de Cella. — A Hespanha bafejada por outros ventos; a linguagem dos illustrados de lá, bem diferente da que uzam os de cá. — Intolerancia dos governos portuguezes para com os catholicos, e tolerancia para os protestantes e republicanos; provas e noticias engraçadas. — A republica franceza esasperada pela derrota decretada a tyrania; os jesuitas na China.

Horrorizam-se todos os espiritos n'este canto da peninsula hispanica com a só lembrança de que na Russia, n'esse immenso imperio do Oriente, existe uma seita cujo lema é tudo arrazar, fazer desaparecer tudo quanto possa recordar o passado. A pessoa do autocrata de todas as Russias, d'esse monarcha que é rei e papa no mesmo tempo, sem que os amigos da... *liberdade* com isso se importem, pela só razão de ter este paparei um exercito respeitavel, contra que nada podem os regimentos da trolha e do avental, cobardes ante os grandes potentados, tão cobardes quanto fortes e atrevidos ante os pequenos; a pessoa do autocrata de todas as Russias, diziamos nós, é o alvo a que miram os rewolveres nihilistas. Os

famosos e esplendidos palacios imperiaes são o joguete do nihilismo, que os faz voar como os comboyos que conduzem o imperador, ou como os conventos onde os monges palmeam suas orações.

Tudo isto é horrivel, espantosa mente horrivel; mas em meio da horribilidade de tantos crimes, ainda existe alguma cousa que dulcifica em certo modo as victimas — é terem a lei do imperio para as vingar.

Não se dá o mesmo caso em Portugal. Aqui o nihilismo opera em nome da lei. Foi com a lei na mão que os agentes dos homens do governo fizeram dasapparecer d'esta terra portugueza as numerosas casas religiosas, dentro das quaes se dava *liberalmente* a instrucção, e se aproveitavam muitas vocações que hoje se perdem.

Foi em nome da lei que se fecharam essas portas onde o pobre, onde a familia envergonhada, recebiam em nome de Christo o pão de cada dia.

Foi em nome da lei, que essas casas, esses monumentos das nossas passadas glorias, cahiram desmantelados, formando ruinas, ou se converteram em palheiros, quartéis militares, etc, etc.

Podemos, pois, dizer que o nihilismo em Portugal é bem mais atroz que o da Russia. Lá, aquelles que escapam a uma explosão, tem o direito de queixar-se perante a lei e lei vinga-o; aqui, a lei vinga o nihilismo na pessoa da victima, que não queira submeter-se humilde aos seus decretos.

E tem perto de meio seculo de duração o nihilismo de que fallamos, e nem uma voz se tem levantado para em nome da *liberdade* fazer desaparecer das paginas dos codigos portuguezes a lei que auctorisa o nihilismo, o arrazamento geral de tudo que attesta ás presentes gerações, que nós fomos um povo de crenças grandiosas.

E continua ainda! E continuará em quanto existir uma casa onde se reunam algumas mulheres para orar, porque é preciso dar logar aos prostibulos onde se reunam mulheres para formarem serralhos em nome da lei.

E continua ainda!

Não ha muito que o nosso esclarecido collega da *Palavra* publicava a seguinte correspondencia de Leiria:

«Falleceu esta noite a ultima religiosa professa do convento de Saut'Anna, da orden de S. Domingos, d'esta cidade, Soror Joaquina do Rozario, de 95 annos d'idade. Aquella

alma pura, acrysolada por tantas afflicções desde 34, e adornada de tão sublimes virtudes, lá subiu ao ceu a unir-se Àquelle que tomou por seu Esposo.

Deixou n'esta cidade muitas saudades e no convento numerosas mulheres submersas em amargo pranto, chorando, inconsolaveis, tal perda, perda que dará sem duvida em resultado a expulsão de todas d'aquelle Paraíso para este inferno de desordens, chamado mundo.

Acabou este convento justamente como principiou. Como o varão justo que desde a pa baptismal até á sepultura conservou illibada a virtude e sem eclipse os resplendores da divina graça, assim este convento terminou com a morte d'uma alma verdadeiramente justa.

Fundado em 1494 por D. Catharina, condessa de Loulé, viuva que ficara do conde de Marialva, morto na tomada d'Arzilla em 1471, foi occupado por cinco religiosas do Mosteiro de Jesus d'Aveiro, casa tão observante e tão florescente em virtudes que o Papa Alexandre VI lhe chamou *santa Jerusalem*. As virtudes sublimes d'estes cinco anjos transmitiram-se a todas as outras que se lhes aggregaram e que lhes foram succedendo, até á ultima que esta noite subiu ao ceu.

Tendo sempre na memoria as gloriosas tradições da casa ella seguiu constantemente as veredas que trilham aqui uma Brites Aranha, uma Antouia de Teive, duas Mecias, uma Maria de Goes, e outras heroínas de quem faz larga menção a historia de S. Domingos. Dir-se-ia antes um anjo do que uma mulher.

Mas um convento pois baqueou no nosso paiz. Os louvores do Senhor que alli soavam dia e noite, serão substituidos pelo carpir funebre das aves nocturnas.

Mal tinha partido da ogreja o prestito funebre, entraram logo as auctoridades civis para tomarem conta do espolio.

Eram grandes os gritos de afflicção lá dentro; a dôr, a consternação eram sem limites. Filhas angustiadas viam na morte da mãe o principio do seu desterro.

Era uma scena que se não podia presenciar sem profunda commoção.

Assim acabou o convento de Saut'Anna em Leiria.

E foi assim que acabaram todos e é assim que acabarão os que ainda restam!

E lá vão as filhas do Senhor, as candidas pombas que se abrigavam á sombra protectora da casa de Deus,

arrostar com a devacidação, com a descrença que pairam sinistras por sobre a terra.

E lá fica o convento que era seu, lá lhe fica a cella onde esperavam morrer! E ao deixal-a, dirão com o mavioso poeta João de Lemos:

«Ai! Cella, minha cella! Antes festiva.
Não te verei eu mais!
Onde a vida vivi contemplativa,
Gozos celestiaes!

Ai! Cella, pobre cella, enviovaste,
Das esposas de Deus!
Vaes ser, ó d'alvas perolas engasto,
Fundido por athous!

Oh! Retiro sagrado da clausura!
Que saudades! . . . Adeus!
Adeus, adeus p'ra sempre! Adeus ventura!
E. . . . perdõe-lhes Deus!

E dizem ser em nome da liberdade que esta especie de nihilismo opera em Portugal! Em nome da liberdade? Que mal faz aos que cá andam fora quem está dentro do mosteiro? Tolherá a liberdade quem se não inporta com o mundo? E se é para liberdar as pobres mengas, mostrae-nos, nihilistas portuguezas, as petições que vos derigiram para que as libertasseis.

A isto responde o poeta na mesma poesia já citada:

«Não nos fallem, porém, de liberdade...
Beijamos o grilhão!
Quem liberta captivos de vontade,
Livres oppime então!»

E é assim! Dar liberdade a quem a não pede; pôr no meio da rua, quem se acha bem n'um convento, para lhe espoliar os bens, isso, digamol-o francamente é peor que todos os nihilismos, é a negação da liberdade, é a maior das tiranias.

Já não podemos dizer o mesmo dos governos da nossa vizinha Hespanha. Ali, paiz regido tambem pela

«liberal constituição.....»

não é tolhida, como aqui, a vocação religiosa, o que temos mostrado varias vezes, e que hoje mostramos pela seguinte noticia, transcripta do excellen-

te periodico «La Ilustracion Española y Americana»:

«Ha poucos annos viamos nos jardins do Retiro o nosso amigo e ardente escriptor catholico D. Antonio Juan de Vildósola, acompanhado por sua filha, formosa menina de cabellos louros, que voltava entre as flores e se extasiava ante as alvas plumagens dos cysnes. Chamava-se Maria das Dores, e parecia, a julgar por sua belleza, destinada a ser rainha das festas mundanas. Não aconteceu assim. Uma fervorosa vocação, apartando-a do ruido do mundo em que vivemos, bem pouco occupados com a alma, levou a a bater á porta do apetecivel retiro do segundo mosteiro da Visitação (Selesas), onde professou no dia 8 do corrente. Estas solemnidades catholicas, tristes para os que vivem em meio do torvelinho do mundo e não podem antever a felicidade modesta do claustro, longe de nos entristecer, nos consola. Da deverscidade de estados é que nasce a harmonia social, e quando, fatigados dos nossos trabalhos, nos achamos recolhidos com a nossa consciencia, é sobremodo agradável o ouvir o toque do sino do convento, annunciando-nos que ha ali quem reze por aquelles que não tem costume, não sabem, ou não o querem fazer.

Não é digna do sentimentos a formosa menina; antes merece nossos parabens, porque, entre o ceo e a terra, escolheu o melhor.»

Agora uma pergunta: qual seria o *ilustrado* cá do nosso Portugal, que assim fallasse ao noticiar uma prolição?

Ben dignos de lastima são estes nossos *ilustrados*!

Quem seguir o proceder nihilista dos governos n'est. paiz, com respeito aos catholicos hade julgar que tudo é causa da intolerancia que guardam para com todos. Mas não, senhores; não é isso. Os nossos governos favorocem em grande escala as seitas protestantes, ou pelo menos, são para com ellas mais tolerantes que para com a *Religião Catholica Apostolica Romana, que por em quanto fica sendo a Religião do Estado.*

Provemol-o:

CASAMENTO CIVIL.— Na segunda-feira, 8, casaram civilmente na administração do bairro Oriental o sr. José Carrilho Videira e a ex.^{ma} sr.^a D. Christina Rolland.

Foram testemunhas d'este acto a

ex.^{ma} sr.^a D. Laura Franco da Silva, seu marido o sr. Xavier da Silva e os srs. Francisco Simões Carneiro e dr. Theophilo Braga.

Esta noticia é dada por um jornal da capital.

O dr. Theophilo é o mestre, ao que parece, d'esta caranguejola, chamada *cousa civil*, porque apparece em toda a parte. Não ha remedio! Quer figurar, e como não tem mais onde apparece n'estas comedias civis.

O sr. Francisco Simões Carneiro, que de certo e da companhia da *trotha* não tem duvida em ser tambem «PRIOR DA VENERAVEL ORDEM 3.^a DO CARMO, MINISTRO DA VENERAVEL ORDEM 3.^a DE S. FRANCISCO DA CIDADE, IEMÃO DE MUITAS CONFRARIAS RELIGIOSAS d'esta cidade.»

Est ultima parte é do nosso collega da *Nação*.

Depois, se um dia apparecer um Bispo que diga: tudo que for da ir. da tro. não pôde fazer parte das confrarias catholicas, esta gente hade fazer como os tro. do Brazil, e haverá tambem um governo que faça encarcerar o Bispo em alguma fortaleza.

São uns patuscos estes senhores!

Outra prova:

«ENTERRO CIVIL.— Falleceu antehontem em seguida a um parto e foi hontem sepultada no cemiterio do Alto de S. João, a senhora D. Anna Alves Bebiano, esposa do abastado proprietario e negociante d'esta praça, Jose Alves Bebiano, moço illustrado que regressou ha dois annos do Brazil.» (Se elle não havia de ser *ilustrado*, tendo vindo do Brazil!) Mais de quarenta carroagens (caramba! para quem fuje da Igreja para se escapar ao aparato dos padres, são carroagens de mais!) acompanharem o feretro e assistiram ao enterro que foi realisado civilmente. (Os nossos parabens.)

Diz-nos a folha donde extrahimos a noticia, que entre muitas *notabilidades* estava o sr. Theophilo Braga. Se não havia de estar o tal Theophilo, que nos parece ser o bispo da chafarica!

Entre varios discursos torna-se notavel o do *intelligente* escriptor Teixeira Bastos, que depois de asneiar livremente e civilmente, unidou assim blasfemando:

«N'aquelle lar onde ha pouco tudo era alegria e felicidade, ha agora apenas lucto e dôr; ha um esposo angustiado e seis creanças sem mãe! E' triste e doloroso este espectáculo. E fallam-nos na Providencia divina! Anna Luiza Alves Bebiano tinha apenas 28

annos e morreu deixando seis creanças das quaes uma recebeu-nascida. Eis a negação da Providencia.

«Senhores:—Prestemos as ultimas homenagens a esta que em vida soube ser esposa e mãe, que foi companheira carinhosa de um nosso amigo leal e correligionario convicto, digamos-lhe o ultimo adeus, e vamos animar aquelle para continuar na lucta pela existencia

Disse.»

E disse muito bem, muito obrigado. Ha-de ficar orador da capella real da chafarica, e será chamado para o lado do cozeiro sempre que mera algum ven.: da Or.:

O sr. Teixeira Bastos andava mais avisadamente se visse a negação da Providencia em não ser tão atilado como a maioria dos portuguezes. E nós negal a-hiamos tambem, se não vissemos n'essa falta de tino a mão da providencia a castigar os que se revoltam contra Ella.

Outra prova: .

«Conferencia.—Realizou-se autem-hontem, como annunciámos, a inauguração das conferencias promovidas pelo centro republicano federal. A's oito horas e um quarto da noute, na presença de mais de duzentas pessoas, commerciantes, operarios, escriptores, estudantes, industriaes, etc., entreas quaes vimos o eloquente orador ANTONIO CANDIDO, tomou a palavra o dr Theophilo Braga, (lá está o homem outra vez!) que começou o seu discurso por lembrar que era o dia 18 de março, anniversario da communa de Paris. Disse que as festas da geração moderna são a commemoração das grandes datas, e esta é uma das maiores da humanide, porque a revolução communal foi justa e gloriosa, apesar de andar tão calumniada pelos partidos monarchicos.»

O homem além de tudo o mais é communista! Bravo!

Aqui tem os leitores. Os governos em Portugal são intolerantes para com os catholicos; enquanto toleram os inimigos da Religião e do Rei.

Já basta de provas.

•
•

O artigo 7.º da lei Ferry lá foi regeitado, fazendo exasperar os amigos da liberdade que em nome da liberdade vão exercer as maiores tyrantias. Os jesuitas vão ser expulsos das terras de França!

Isto é que é liberdade!

Emquanto a França Gambetta faz

sahir os jesuitas, lá por outras nações abraçam-os como os verdadeiros apóstolos da civilização.

Vejamos o que nos diz um escriptor hespanhol nas suas viagens de Madrid a Pekin:

«O jesuita é o missionario modelo; só elle sabe alliar a fé com a sciencia, catequiza e instrue; sou trato seduz, sua conversação prende, seu methodo convence, sua afabilidade atrae. Estranho a toda a ambição terrestre, é na China o unico elemento da civilização, e o mais digno dos elogios, da admiração e dos respeito ainda d'aquelles que na Europa julgam a Companhia de Jesus como a junta suprema do ultramontanismo intransigente.»

Findamos, porque nos falta espaço, que não materia para nos espraiair-nos.

J. DE FREITAS.

FOME NA IRLANDA

Subscrição aberta por esta redacção.

Transporte . . . 16\$000

D. Maria Amelia Peixoto de Magalhães e Menezes . . .	300
Um anonymo de Guimarães . . .	9\$000
Joaquim Carvalho . . .	200
José Pinto . . .	100
Adelino da Costa Santos . . .	100
Augusto Pedrosa . . .	200
Alberto Cerqueira . . .	200
Manoel Joaquim de Vasconcellos . . .	200
Albano de Magalhães . . .	200
Albano da Silva Lima . . .	200
Adelino Machado . . .	500
Antonio Antunes d'Azevedo . . .	100
José Rodrigues Ferreira . . .	500
Antonio Brandão . . .	500
Theotonio Rodrigues . . .	100
Antonio d'Oliveira . . .	100
Antonio Torres . . .	100
João Leite de Castro . . .	500
José Torres . . .	100
Joaquim Lourenço Guedes . . .	500
Manoel de Bastos . . .	200
José da Costa Leite . . .	300
Antonio Paiva . . .	500
Bemvindo Souto Correia . . .	500
Albino Cabral . . .	200
Antonio Augusto Santos . . .	200
Antonio Pinto do Couto . . .	200
Joaquim Machado da Cunha . . .	100
Joaquim de Sousa Pacheco . . .	300
Francisco Xavier de Mello . . .	500
Aurelio da Cunha Rolla . . .	300
Alberto da Silveira . . .	200
Francisco José Ribeiro . . .	500

Alberto Pinheiro	300
José Mendes	400
Antonio Leal de Magalhães . . .	300
João Machado Brandão . . .	300
José da Silva Monteiro . . .	300
Alberto da Costa Santos . . .	200
Avelino da Silva Monteiro . . .	200
Manoel Serzedello Eglesias . . .	500
José da Cunha Rolla . . .	800
Joaquim Pedrosa Junior . . .	500
Arnaldo Joaquim Magalhães . . .	100
Antonio Gabriel Teixeira . . .	500
José Maria Ferreira . . .	500
Arthur da Cunha Ozorio . . .	400
Antonio Augusto . . .	500
Antonio Maria . . .	300
Adriano do Valle . . .	1\$000
Antonio Augusto de Mesquita . . .	200
Torquato Augusto Pereira . . .	1\$000
Casimiro Arthur Ceara . . .	200
Henrique Barbosa Mendonça . . .	200
Arnalda da Costa Santos . . .	500
Antonio Alexandre B. Pinto . . .	500
Esmeraldo Augusto Falcão . . .	500
Manoel Montenegro . . .	500
Alfredo José de Magalhães . . .	1\$000
Joaquim Alexandre . . .	500
Balthazar Luiz . . .	500
José de Sousa Magalhães . . .	100
Hermano Amandio . . .	500
Antão Fernandes de Carvalho . . .	500
Alvaro Xavier da Costa . . .	200
Eduardo Barbosa Mendonça . . .	200
Paulo José de Magalhães . . .	1\$000
Aurelio Ceara . . .	200
Alfredo da Silva Torres . . .	400
Antonio Souto Correia . . .	500
Um anonymo . . .	500
P.º Alexandre Pinto . . .	500
Manoel Joaquim Leite . . .	200
P.º José da Silva Guedes . . .	500
P.º Antonio Baptista Linhares . . .	1\$500
Somma . . .	53\$700

(Continúa).

EXPEDIENTE

Para dar publicidade a uma grande parte da famosa Encyclica de S. Santidade, retiramos o nosso artigo de fundo, bem como outros de nossos esclarecidos collaboradores, que sairão no proximo n.º, e tambem as apreciações d'alguns livros que temos recebido e desde já agradecemos.